



Ironia, o contrário daquilo que se quer dizer

Dinâmica 1

1ª Série | 1º Bimestre

Aluno

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	1ª do Ensino Médio	Ironia e metáfora	Identificar efeitos de ironia e humor em textos variados

DINÂMICA	Ironia, o contrário daquilo que se quer dizer
HABILIDADE PRINCIPAL	H25 – Identificar efeitos de ironia e humor em textos variados
HABILIDADES ASSOCIADAS	H27 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão
CURRÍCULO MÍNIMO	Identificar as figuras de linguagem referentes ao gênero estudado

Caro(a) aluno(a), nesta dinâmica você irá desenvolver as seguintes fases com seu professor e seus colegas:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Apresentação da dinâmica e leitura dos textos motivadores	Leitura mediada pelo professor e discussão dos textos.	30 min	Toda a turma	Individual
2	Análise dos textos e sistematização dos conteúdos	Análise e identificação de marcas de ironia e de metáforas nos textos.	30 min	Grupos de 4 alunos	Oral/Coletivo e Escrito/Individual
3	Autoavaliação	Questões do Saerjinho.	20 min	Individual	Escrito
4	Etapa opcional	Revisão do conteúdo assimilado.	20 min	Individual	Escrito

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos motivadores, disponíveis nos encartes do professor e do aluno.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E LEITURA DOS TEXTOS MOTIVADORES

LEITURA MEDIADA PELO PROFESSOR E DISCUSSÃO DOS TEXTOS

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.”

Machado de Assis¹

Certamente você já ouviu falar sobre Machado de Assis, o grande escritor brasileiro que retratou em seus romances, de um modo muito particular, o comportamento, os costumes e as estruturas sociais do século XIX. Uma das características do estilo machadiano é uma corrosiva e refinada ironia em seus textos. O autor dizia uma coisa querendo, na verdade, dizer outra. Sabendo disso, na epígrafe acima, é possível entender que Brás Cubas quis dizer que Marcela o amou somente enquanto durou seu dinheiro ou que ela jamais o amou?

São tantos os efeitos de sentido atribuídos ao texto devido, especialmente, ao

¹ ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê, 2001.

valor conotativo das palavras, que uma multiplicidade de interpretações pode surgir! Saiba que uma palavra tem valor conotativo quando seu significado é ampliado ou alterado no contexto em que é empregada, sugerindo ideias que vão além de seu sentido mais usual. Daí surgirem as figuras de linguagem, estratégias que o escritor aplica aos seus escritos para conseguir determinados efeitos. Nesta dinâmica, trabalharemos com duas figuras de linguagem: a ironia e a metáfora. Vamos aos textos?

TEXTO 1

Óbito do autor (fragmento)

[...] expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: – “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê, 2001. p. 69-70.

VOCABULÁRIO	
ÓBITO	Morte.
RIJOS	Robustos, vigorosos.
FUNÉREO	relativo a funeral, enterro.
FINADO	morto.
APÓLICES	ações, títulos de uma companhia ou de uma sociedade anônima.

TEXTO 2

Primeira pessoa (fragmento)

Já faz cinco minutos que ninguém chuta uma bola. Melhor assim. Ou vai ver é pior: se ninguém chuta, eu não defendo e não apareço.

Tomara que chutem, mas chutem fraco, porque aí eu faço uma ponte, e a torcida vai achar que eu sou bom.

Mas tem uns chutes fracos que vão bem no canto e aí parece um frango. O melhor mesmo é que não chutem. Ainda mais se o chute vier daquele número 16. Ele chuta bem pra caramba.

Eu também chuto forte. Por que não fui ser atacante? Acho que foi porque meu pai me deu umas luvas quando eu era pequeno. Lá vem o 16, lá vem o 16!

– Trava, trava!

Boa, o central travou. Esse cara ainda vai para a seleção. Ou pelo menos para um clube de cidade grande. (...)

Xi, lá vem o 7. Mas esse chuta muito mal. Ele vai chutar ou cruzar? Chutar ou cruzar? Se ele cruzar eu saio ou fico? Saio ou fico?

Cruzou! Meu, que soco que eu dei! A bola foi parar quase no meio de campo! Eu sou bom à beça. Acho que até escutei umas palmas na torcida. Ou vai ver foi impressão. Quem é que aplaude goleiro? Só quando defende pênalti. (...)

Xi, lá vem o 16.

– Trava, trava!

Ufa, dessa vez foi por cima... Só levantei o braço para acompanhar a bola, mas levantei com a maior classe, parecia profissional. Pena que a minha camisa tá furada no sovaco. Preciso comprar uma nova. Uma vermelha! Aposto que eu ia jogar bem melhor com uma vermelha. (...)

TORERO, José Roberto. **Zé Cabala e outros filósofos do futebol**. São Paulo: Objetiva, 2005. p. 87-89.

TEXTO 3

O CARTEIRO E O POETA (fragmento)

– Como é, Dom Pablo?!

– Metáforas, homem!

– Que são essas coisas?

O poeta colocou a mão sobre o ombro do rapaz.

– Para esclarecer mais ou menos de maneira imprecisa, são modos de dizer uma coisa comparando-a com outra.

– Dê-me um exemplo...

Neruda olhou o relógio e suspirou.

– Bem, quando você diz que o céu está chorando. O que é que você quer dizer com isto?

– Ora, fácil! Que está chovendo, ué!

– Bem, isso é uma metáfora.

– E por que se chama tão complicado, se é uma coisa tão fácil?

– Porque os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou a complexidade das coisas.

SKÁRMETA, Antonio. **O carteiro e o poeta**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, [s.d]. p. 20.

As não realizações de Brás Cubas

Publicado em 1881, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, aborda as experiências de um filho abastado da elite brasileira do século XIX, Brás Cubas. Começa pela sua morte, descreve a cena do enterro, dos delírios antes de morrer, até retornar à sua infância, quando a narrativa segue de forma mais ou menos linear – interrompida apenas por comentários digressivos do narrador.

No romance, não há um acontecimento significativo. A obra termina, nas palavras do narrador, com um capítulo só de negativas. Brás Cubas não se casa; não consegue concluir o emplasto, medicamento que imaginara criar para conquistar a glória na sociedade; acaba se tornando deputado, mas seu desempenho é medíocre; e não tem filhos. A força da obra está justamente nessas não realizações, nesses detalhes. Os leitores ficam sempre à espera do desenlace que a narrativa parece prometer. Ao fim, o que permanece é o vazio da existência do protagonista.

[...] O mais importante não é a realização ou não dessas veleidades, mas o direito de tê-las, que está reservado apenas a uns poucos da sociedade da época. [...]

Texto adaptado. Disponível em: http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/materia_416007.shtml. Acesso em: 29 set. 2012.

O carteiro e o poeta (fragmento)

O Carteiro e o Poeta foi um dos grandes sucessos do cinema europeu (1994). Trata-se de uma adaptação ao cinema do romance de Antonio Skármeta sobre a amizade entre o poeta chileno Pablo Neruda e um carteiro italiano no início dos anos 50, quando o primeiro foi obrigado a exilar-se em uma ilha do Mediterrâneo. [...]

O filme narra o encontro do carteiro Mário Ruoppolo com o poeta Pablo Neruda. [...] Mário, homem naturalmente ingênuo, mas dotado de sensibilidade, encanta-se com a presença do importante poeta, a ponto de querer se tornar poeta também.

O contato que passa a ter com Neruda desperta nele um conhecimento sobre si e seus sentimentos, abrindo seus olhos para ver o mundo limitado em que vive e que, agora, pode melhor entendê-lo. Mário apaixona-se pela jovem Beatrice e é ajudado por Neruda durante a sua conquista, que se dá por intermédio de metáforas construídas por Mário e de poesias escritas por Neruda. [...]

Fábio Scorsolini-Comin e Manoel Antônio dos Santos.

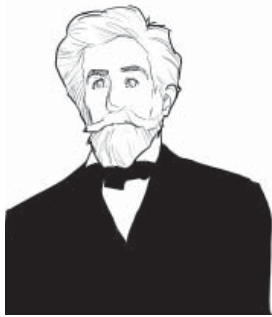
Disponível em: http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed04/ed04_art03.pdf. Acesso em: 11 set. 2012.

ETAPA 2

ANÁLISE DOS TEXTOS E SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DE MARCAS DE IRONIA E DE METÁFORAS NOS TEXTOS

Perceberam como a escolha das palavras e o trabalho do autor com elas, através das figuras de linguagem, tornam o texto mais interessante, subjetivo e divertido? Então, agora, preste atenção às orientações de seu professor, forme grupos de quatro alunos, analise as questões propostas abaixo e faça o registro das respostas no espaço a seguir.



1. O texto 1 corresponde a um trecho do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que o personagem narra seu próprio enterro. Como você interpreta o comentário final de Brás Cubas?

“Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei.”

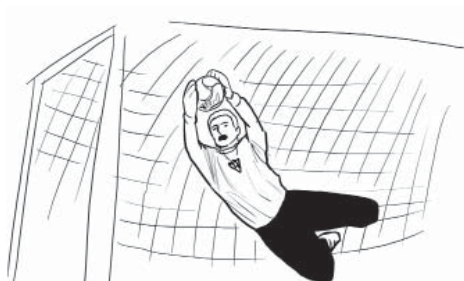


2. O texto 2 faz parte do livro intitulado *Zé Cabala e outros filósofos do futebol*. Releia o seguinte trecho:

“Ufa, dessa vez foi por cima... Só levantei o braço para acompanhar a bola, mas levantei com a maior classe, parecia profissional. Pena que a minha camisa tá furada no sôvaco. Preciso comprar uma nova. Uma vermelha!”

Agora, responda:

- A descrição feita pelo goleiro de sua própria atuação é divertida. Por quê?
- Como o humor é explorado quando o goleiro refere-se à sua camisa?



3. Muitas palavras e expressões futebolísticas, faladas por jogadores, comentaristas esportivos e locutores, passaram a fazer parte da nossa fala cotidiana. Essas expressões, geralmente, recebem significação diferente no dia a dia, dependendo da situação comunicativa. Assim, pensando em situações fora do campo, explique, com suas palavras, as

seguintes metáforas:

- a. *pisou na bola.*
- b. *está fazendo firula.*
- c. *deixou alguém de escanteio.*
- d. *joga nas onze.*
- e. *faz marcação cerrada.*

A arte de fingir uma coisa para dizer outra (fragmento)

A ironia (< do grego eironéia, que significa “dissimulação”) ou antífrase (< do grego antíphrasis, que quer dizer “expressão contrária”) é um alargamento semântico. No eixo da extensão, um significado tem o seu valor invertido, abarcando assim o sentido \underline{x} e seu oposto. Com isso, há uma intensificação maior ao sentido, pois se finge dizer uma coisa para dizer exatamente o oposto. O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma inversão. A ironia apresenta uma atitude do enunciador, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc. Na verdade, são duas vezes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra; uma voz invalida o que a outra profere. Assim, a ironia é um tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por inversão, alargando a extensão sêmica dos pontos de vista coexistentes e aumentando sua intensidade. [...]

A compreensão da ironia exige a percepção de uma impertinência predicativa. No capítulo III do conto “A parasita azul”, de Machado de Assis, aparece a frase “Soares olhava para Camilo com a mesma ternura com que um gavião espreita uma pomba”. Evidentemente, “um gavião espreita a pomba” não pode admitir o uso da palavra “ternura”. Por isso, aqui ela significa “frieza”, “malvadez”. [...]

José Luiz Fiorin

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/68/artigo249123-1.asp>. Acesso em: 11 set. 2012.

Metáfora (fragmento)

A metáfora é uma figura de linguagem que consiste na alteração do sentido de uma palavra ou expressão, pelo acréscimo de um segundo significado, quando entre o sentido de base e o acrescentado há uma relação de semelhança, de intersecção, isto é, quando apresentam traços semânticos comuns. [...] A metáfora pode ser definida como uma transferência de significado que tem como base uma analogia: dois conceitos são relacionados por apresentarem, na concepção do falante, algum ponto em comum. [...]

Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~pead/tema04/metafora.html>. Acesso em: 29 set. 2012.



ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO

QUESTÕES DO SAERJINHO

Depois de aprender um pouco mais sobre como identificar os efeitos da ironia nos textos, é hora de checar o que você conseguiu aprender com a dinâmica de hoje. A seguir, você encontrará duas questões do Saerjinho. Faça a leitura e responda a cada uma delas com muita atenção.

QUESTÃO 1

Leia o texto a seguir:

Da janela vê-se

Como até as pirâmides do Egito já sabem, mal o nosso Cristo foi eleito uma das sete novas maravilhas do mundo começou o choro dos perdedores. Países europeus que não tiveram seus monumentos escolhidos, um deles a querida Espanha, atribuem a vitória do Cristo ao número de habitantes do Brasil.

É verdade, o Brasil tem mais habitantes que a Espanha. A China também tem mais habitantes que a Espanha e, por isso, elegeram sua Muralha. A Índia também tem mais habitantes que a Espanha e, por isso, elegeram o Taj Mahal. Convém não insistir nesse argumento. (...)

Em Paris, a Unesco criticou a escolha das maravilhas por não obedecer aos seus critérios científicos e limitar-se a quem tinha acesso à internet ou ao telefone. Bem, a maior parte da humanidade tem hoje acesso à internet ou ao telefone. O que a Unesco queria? Que só valessem os votos por pombo-correio?

CASTRO, Ruy. Da janela vê-se. In: **Crônicas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 73-74. Fragmento. (P091122RJ_SUP)

Nesse texto, o trecho que expressa ironia é:

- “...o Brasil tem mais habitantes que a Espanha.”
- “Convém não insistir nesse argumento...”
- “Em Paris, a Unesco criticou a escolha das maravilhas...”
- “Que só valessem os votos por pombo-correio?”

QUESTÃO 2 (ADAPTADA)

Leia o texto a seguir.

O cotidiano pode ter brilho

[...] – Por favor, o senhor tem um minutinho? [...] Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– O senhor não é Affonso Romano de Sant’Anna?

– Não.

– Só é parecido com ele?

– Não, não sou parecido com ele.

Por dentro sorri. Achei que o Affonso, apesar de meu amigo, não ia gostar de ser confundido comigo. [...] Diz-se que ele é o escritor mais simpático do Brasil, que é um dos mais bem vestidos, é. Nunca vi o Affonso mal-ajambrado, está sempre elegante, ternos de linho, de *gabardine*. Na estica, como se dizia em Araraquara. Portanto, se o Affonso é o mais bonito, na certa não ia gostar de ser comparado com um que nem sequer é bonito, apenas dá para o gasto. Mas não reclamo da cara que Deus (ou não foi Ele?) me deu.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O cotidiano pode ter brilho**. São Paulo: Ática, 2004. p. 43-44. Fragmento.

*Adaptado: Reforma Ortográfica (P091113RJ_SUP).

Nesse texto, pode-se identificar ironia no trecho:

- “– Não, não sou parecido com ele.”
- “Por dentro sorri.”
- “Diz-se que ele é o escritor mais simpático do Brasil...”
- “(ou não foi Ele?)”

ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL

REGISTRO DO CONTEÚDO ASSIMILADO

Verifique o que realmente você conseguiu aprender com a dinâmica de hoje.

Texto 1

O médico de plantão do manicômio repara que um dos internos apanha um maço de cigarros, puxa um, retira o papel e enfia o fumo no nariz. Chega mais perto e diz ao louco:

– Você por acaso precisa da minha ajuda?

– Sim, doutor. O senhor tem fogo?

MAIA, João Domingues. **Literatura: textos e técnicas**. São Paulo: Ática, 1996. p. 84.

Texto 2

Bebeu e está dirigindo? Coisa linda. Igreja lotada daqui a sete dias.

Campanha publicitária. Disponível em: <http://liciafabio.uol.com.br/atitude/campanha-de-transito-gera-polemica/>. Acesso em: 30 set. 2012.

Texto 3

Era tão baixinho que cada vez que se calçava prendia os cabelos nos sapatos.

MAIA, João Domingues. **Literatura**: textos e técnicas. São Paulo: Ática, 1996. p. 89.

(a) Texto 1	() hipérbole (exagero proposital de ideias)
(b) Texto 2	() antífrase (emprego de palavra ou frase em sentido oposto ao verdadeiro)
(c) Texto 3	() desacordo entre uma forma aparentemente séria e um conteúdo insensato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê, 2001.
- MAIA, João Domingues. **Literatura**: textos e técnicas. São Paulo: Ática, 1996.
- SKÁRMETA, Antonio. **O carteiro e o poeta**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, [s.d].
- TORERO, José Roberto. **Zé Cabala e outros filósofos do futebol**. São Paulo: Objetiva, 2005.

SITES

- <http://acd.ufrj.br/~pead/tema04/metafora.html>
- http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/materia_416007.shtml

- http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed04/ed04_art03.pdf
- <http://liciafabio.uol.com.br/atitude/campanha-de-transito-gera-polemica/>
- <http://revistalingua.uol.com.br/textos/68/artigo249123-1.asp>
- <http://www.energia.com.br/professores/portaldasletras/namorados/12.html>

LEITURA COMPLEMENTAR SUGERIDA

- POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

Uma piada pode ser definida como um texto que parece falar de uma coisa, mas que fala de outra. Ou melhor, fala das duas, colocando ora uma ora outra em primeiro plano. A passagem de um tema a outro se faz, em geral, por um certo funcionamento da língua. O livro dedica-se basicamente à descrição dos elementos da língua que fazem com que um texto seja uma piada. O livro destina-se aos que têm interesse em análise de linguagem e campos ideologicamente marcados e procura satisfazer a quem já se interessa por temas sociais e sua articulação linguística, mostrando que essa relação é mais complexa do que à primeira vista poder-se-ia pensar.